

Movimento livre e desenvolvimento da autonomia dos bebês na creche: contribuições da Abordagem Pikler

Free movement and the development of babies in daycare: contributions from the Pikler Approach

Movimiento libre y desarrollo de la autonomía de bebés en la guardería: contribuciones del Enfoque Pikler

Rafael Ferreira Kelleter¹
Rodrigo Saballa de Carvalho²

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/serieestudos.v30i68.2022>

Resumo: A partir dos estudos sobre docência na Educação Infantil e das contribuições da Abordagem Pikler, o artigo é decorrente de uma pesquisa que teve como objetivo discutir o movimento livre como uma das condições fundamentais para o desenvolvimento da autonomia dos bebês na creche. A autonomia, em uma perspectiva pikleriana, é a possibilidade de o bebê, movido pelo desejo, realizar algo por iniciativa própria. Metodologicamente, foi desenvolvida uma pesquisa etnográfica, durante 6 meses, com um grupo de oito bebês com idades entre 4 meses e 1 ano e 5 meses em uma escola de Educação Infantil privada localizada em Porto Alegre, RS. O foco investigativo foram as ações sociais dos bebês em uma ambiência de cuidado e educação institucional pautada nos princípios piklerianos. As estratégias de geração dos dados da pesquisa foram a observação, o diário de campo, os registros fílmicos e fotográficos. Mediante a leitura do material gerado em campo, foram definidas duas unidades analíticas: a) os bebês e a exploração dos espaços, mobiliários e objetos; b) os bebês e as interações sociais com os pares. Por meio da pesquisa, foi possível inferir que o movimento livre dos bebês na creche possibilita o desenvolvimento de sua autonomia por meio de aprendizagens emergentes da interação deles com os pares, espaços e materiais.

Palavras-chave: movimento livre; autonomia; Abordagem Pikler.

Abstract: Based on studies on teaching in Early Childhood Education and the contributions of the Pikler Approach, this paper is the result of a study that aimed to discuss free movement as one

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

of the fundamental conditions for the development of autonomy in babies in daycare. From a Piklerian perspective, autonomy is the possibility for babies, driven by desire, to do something on their own initiative. Methodologically, an ethnographic study was developed over a period of 6 months with a group of eight babies aged between 4 and 17 months in a private Early Childhood Education school located in Porto Alegre, Brazil. The investigative focus was the social actions of babies in an institutional care and education environment based on Piklerian principles. The strategies for generating research data were observation, field diary, and film and photographic records. By reading the material generated in the field, two analytical units were defined: a) babies and exploration of spaces, furniture, and objects; b) babies and social interactions with peers. Through the research, it was possible to infer that the free movement of babies in daycare enables the development of their autonomy through learning that emerges from their interaction with peers, spaces and materials.

Keywords: free movement; autonomy; Pikler Approach.

Resumen: A partir de los estudios sobre la enseñanza en la Educación Infantil y de las contribuciones del Enfoque Pikler, el artículo es resultado de una investigación que tuvo como objetivo discutir el movimiento libre como una de las condiciones fundamentales para el desarrollo de la autonomía de los bebés en la guardería. La autonomía, en una perspectiva pikleriana, es la posibilidad de que el bebé, movido por el deseo, realice algo por iniciativa propia. Metodológicamente, se desarrolló una investigación etnográfica durante 6 meses, con un grupo de ocho bebés con edades entre 4 meses y 1 año y 5 meses en una escuela de Educación Infantil privada ubicada en Porto Alegre, Brasil. El enfoque de investigación han sido las acciones sociales de los bebés en un ambiente de cuidado y educación institucional regida por los principios piklerianos. Las estrategias de generación de los datos de la investigación han sido la observación, el diario de campo, los registros fílmicos y fotográficos. Mediante la lectura del material generado en campo, se definieron dos unidades analíticas: a) los bebés y la exploración de los espacios, mobiliarios y objetos; b) los bebés y las interacciones sociales con los pares. A través de la investigación se pudo inferir que el movimiento libre de los bebés en la guardería posibilita el desarrollo de su autonomía por medio de aprendizajes emergentes de su interacción con los pares, espacios y materiales.

Palabras clave: movimiento libre; autonomía; Enfoque Pikler.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação de bebês e crianças bem pequenas em instituições públicas de Educação Infantil é uma conquista política representativa no âmbito da Educação brasileira. O reconhecimento da necessidade do atendimento das crianças de 0 a 3 anos em creches foi historicamente marcado pela luta das mulheres, dos movimentos sociais feministas, bem como de pesquisadores da área da Educação Infantil. Defendia-se a importância da oferta do atendimento das crianças em instituições educacionais que rompesse com “[...] o assistencialismo e a filantropia, as concepções de higienização e sanitarianismo, os aparentes dilemas entre educação e

cuidado, assim como entre direito da mulher e do bebê” (Simões, 2022, p. 110). O que se encontrava em pauta era o “[...] reconhecimento da criança como cidadã, portadora de direitos sociais, [...] [com o direito] de ser educada em creches e pré-escolas” (Nunes, 2023, p. 66).

Em tal direção, a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) afirmaram o direito das crianças e de suas famílias ao atendimento educacional de qualidade, por profissionais devidamente habilitados, em instituições públicas de Educação Infantil. Conforme argumenta Nunes (2023, p. 68), o efeito desse processo “[...] contribuiu para dar mais visibilidade à criança como um sujeito de direitos e potencializou a educação como um dos campos de investimento público para a superação das desigualdades sociais”.

Na sequência, as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2009) contribuíram com a definição da concepção de currículo da Educação Infantil, estabelecendo as interações e a brincadeira como eixos norteadores das propostas pedagógicas, os modos de acompanhamento dos processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, e os princípios éticos, estéticos e políticos que deveriam embasar a elaboração dos projetos educativos das instituições de Educação Infantil. Em decorrência desse processo de reconhecimento da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, “[...] a implantação do atendimento educacional a bebês em creches vem assim, constituindo uma nova concepção para a educação [...] em instituições de ensino [...]” (Simões, 2022, p. 109). Essa concepção defende a afirmação dos bebês como sujeitos de direitos, capazes de ação social no contexto das relações de interdependência com os adultos. Todavia, a constituição da concepção do bebê como sujeito de direitos ainda enfrenta o desafio da problematização e superação de perspectivas [...] “[...] assistencialistas que, de forma hegemônica, [historicamente] definiam o atendimento das crianças pequenas [...]” nas creches (Simões, 2022, p. 109).

Por outro lado, embora concordemos com Simões (2022) sobre a necessidade de problematização das perspectivas assistencialistas de atendimento dos bebês, entendemos que contemporaneamente também tem incidido, no trabalho docente na creche, *o imperativo do estímulo* (Carvalho; Radomski, 2013). Há, dessa maneira, especificamente na creche, uma ênfase na oferta de propostas que visam à aceleração da aprendizagem e ao correlato desenvolvimento de competências linguísticas e motoras nos bebês.

No que diz respeito ao seu desenvolvimento motor, têm se tornado recorrente, nas creches, práticas pedagógicas cujo foco é o suposto ensino de posturas corporais aos bebês³, no intuito de que eles precocemente se sentem, engatinhem, consigam ficar em pé e, por fim, passem a caminhar sozinhos. No entanto, esse tipo de prática não tem possibilitado que eles se movimentem em liberdade, nem que desenvolvam as suas posturas corporais de acordo com as suas conquistas. Diante disso, defendemos que os bebês atendidos nas creches têm direito a um ambiente acolhedor e estável, que lhes assegure bem-estar para que possam interagir, adquirir confiança, constituir vínculos sociais e se desenvolver integralmente.

O propósito da docência na creche é compartilhar uma vida cotidiana institucional com os bebês em que cuidado e educação sejam indissociáveis na jornada diária. Nessa perspectiva, entendemos ser fundamental, assim como Guimarães (2019), considerar iniciativas, interesses e demandas dos bebês em um ambiente planejado, no qual eles tenham oportunidades de desfrutar de experiências que os possibilitem conhecer sobre si mesmos, sobre os outros e sobre as materialidades que constituem a creche, mediante a descoberta de suas potencialidades corporais.

Ora, a discussão da docência na creche demanda que indagemos qual é a concepção de bebê que fundamenta as ações docentes nessas instituições. Como se faz notar, é essencial, no trabalho docente na creche, o professor considerar as iniciativas e atividades dos bebês em um ambiente intencionalmente planejado, nos quais eles, a partir de uma mediação docente qualificada, desfrutem de interações sociais, descubram as suas potencialidades corporais, explorem as propriedades dos objetos e não sejam pressionados a se desenvolver de forma acelerada.

Nesse sentido, em consonância com a defesa de uma docência pautada no respeito à alteridade dos bebês, ressaltamos que o artigo é decorrente de uma pesquisa (Kelleter, 2020) que, a partir dos estudos sobre docência na Educação Infantil e das contribuições da Abordagem Pikler (David, 2006; Pikler, 2010; Falk, 2011; Feder, 2011; Tardos, 2011), teve como objetivo discutir o movimento livre como uma condição fundamental para o desenvolvimento da autonomia dos bebês na creche.

³ Também conhecidas como marcos do desenvolvimento, as posições são as seguintes: de costas, de lado, de barriga para baixo, rastejar, semissentar-se, sentar-se, engatinhar, em pé com apoio, em pé sem apoio e caminhar.

A *autonomia* (Pikler, 2010; Falk, 2011), em uma perspectiva pikleriana, é a possibilidade de o bebê, movido pelo desejo, realizar algo por iniciativa própria. Desse modo, ao se viabilizar a movimentação livre do bebê – a busca autônoma por posturas corporais (como rolar e se sentar) e a brincadeira independente e entre bebês (sem a imposição de propostas por parte do adulto) –, há um desenvolvimento motor baseado em processos de experimentação deles, viabilizados pela observação dos outros bebês e pela *construção da confiança em si mesmos* (Pikler, 2010). Corroborando o argumento, Falk (2011) afirma que os bebês que podem exercer o movimento livre aprendem melhor a se sentar, engatinhar e caminhar do que aqueles que são colocados em posições escolhidas pelos adultos. Além disso, esses bebês conseguem concentrar-se melhor na exploração dos materiais durante a brincadeira, pelo fato de estarem confortáveis na posição escolhida por eles mesmos.

Em vista do exposto, metodologicamente, desenvolvemos uma *pesquisa etnográfica* (Graue; Walsh, 2003), durante 6 meses, com um grupo de oito bebês com idades entre 4 meses e 1 ano e 5 meses em uma escola de Educação Infantil privada localizada em Porto Alegre, RS. O nosso foco investigativo foram as ações sociais dos bebês em uma ambiência de cuidado e educação institucional pautada nos princípios piklerianos. As estratégias de geração dos dados da pesquisa foram a observação, o diário de campo, os registros fílmicos e fotográficos. As observações ocorreram com a frequência de três vezes por semana, perfazendo um total de quatro horas diárias, por um semestre. O foco das observações foram as experiências motoras dos bebês em todos os momentos da jornada cotidiana.

Em relação à *dimensão ética da pesquisa* (Barbosa, 2014), tivemos a anuência institucional, bem como a autorização das famílias das crianças e das professoras e auxiliares do grupo de bebês participantes da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo em vista a garantia do anonimato dos participantes da investigação. Além disso, a entrada em campo ocorreu de modo reativo, no intuito de acompanharmos o processo de assentimento dos bebês quanto à presença do pesquisador⁴ em campo. Para tanto, as observações dos bebês iniciaram-se nas áreas externas da creche, buscando uma aproximação inicial dos bebês, e posteriormente foram

⁴ O trabalho de campo da pesquisa foi realizado pelo primeiro autor do artigo.

realizadas na sala-referência, em que foi possível acompanhar o acolhimento inicial, os momentos de alimentação, trocas de fraldas, descanso e brincadeira livre do grupo participante da pesquisa.

Por meio da leitura do material gerado em campo – registros escritos e imagéticos (fotos e filmes) –, observamos as recorrências nas ações dos bebês que foram mobilizadas pela possibilidade de movimento livre e definimos as seguintes unidades analíticas: a) os bebês e a exploração de espaços, mobiliários e objetos; b) os bebês e as interações sociais com os pares. Por meio da análise de episódios decorrentes da pesquisa, pôde-se inferir que o movimento livre dos bebês na creche proporciona o desenvolvimento da autonomia, através de aprendizagens socioculturais emergentes da interação dos bebês com os seus pares, espaços e materiais.

Mediante o exposto, informamos que o artigo está organizado em cinco seções. Após esta seção introdutória, a segunda seção apresenta a abordagem conceitual a partir da discussão dos princípios da Abordagem Pikler. Na sequência, na terceira e quarta seções, compartilharemos as discussões analíticas focalizando os espaços e as interações sociais dos bebês na creche como vetores do movimento livre e da promoção da autonomia. Por fim, na última seção, apresentamos as considerações finais do artigo.

2 OS PRINCÍPIOS DA ABORDAGEM PIKLER NO CUIDADO E NA EDUCAÇÃO DOS BEBÊS NA CRECHE

Fundado em 1946, o Instituto Lóczy recebeu, em 1986, o nome de sua fundadora, a pediatra húngara Dra. Emmi Pikler. Com o objetivo de acolher crianças órfãs da capital Budapeste em uma pequena vivenda com um grande jardim, Pikler criou um espaço de atendimento e investigação.

O trabalho da pediatra húngara no instituto foi concebido fundamentado na promoção de condições para o exercício do movimento livre dos bebês – sem a interferência direta dos adultos –, bem como do desenvolvimento da sua autonomia. Conforme Falk (2011), um dos pressupostos mais significativos do trabalho de Pikler foi a defesa de que o adulto não deve ensinar nenhuma posição ao bebê – sentar-se, andar, ficar em pé etc. –, já que é muito mais profícuo para o seu desenvolvimento que ele, em condições de segurança, mediado pela

presença de um adulto e por um contexto acolhedor de suas demandas, a partir do movimento livre, descubra as possibilidades do seu corpo.

O pressuposto é que, por meio do movimento livre, os bebês têm a possibilidade de desenvolver a autonomia. Todavia, o que significa autonomia para Pikler? Autonomia, para a pediatra, é possibilitar ao bebê as condições para que ele, em seu tempo e por sua iniciativa, tenha poder de escolha na execução de suas ações. Corroborando o argumento, Falk (2011, p. 52) afirma que, na Abordagem Pikler, desde que tenha as condições adequadas, “[...] o bebê é capaz de realizar ações competentes e de utilizar o seu repertório de comportamentos para desenvolver o conhecimento de si mesmo”.

Em tal direção, consideramos oportuno apresentar a Abordagem Pikler a partir dos princípios que sustentam o cuidado e a educação dos bebês e das crianças bem pequenas. Conforme indicam David e Appell (2013, p. 23, tradução nossa), a Abordagem Pikler adota os seguintes princípios:

- 1.a valoração da atividade autônoma da criança baseada em suas próprias iniciativas;
- 2.o valor da relação afetiva privilegiada e a importância da forma particular que convém lhes dar em uma instituição;
- 3.a necessidade de favorecer na criança a tomada de consciência de si mesmo e de seu entorno;
- 4.a importância de um bom estado de saúde física, que serve de base para a boa aplicação dos princípios precedentes, mas que também é resultado deles.

A atividade autônoma é um dos *pilares do desenvolvimento motor dos bebês* (Golse, 2011). Nessa perspectiva, como argumenta Falk (2011), a Abordagem Pikler se opõe a todas as concepções que limitam a compreensão do bebê e da criança à simples análise da sua relação com o ambiente (particularmente com a mãe), seu vínculo com o adulto, sua submissão ou sua dependência. Isso porque, de acordo com Feder (2011), quando não impomos ao bebê a realização de determinados movimentos e, ao mesmo tempo, asseguramos as condições para que ele se movimente em liberdade, o bebê os logrará por si mesmo, a partir da vivência de todas as etapas do desenvolvimento motor.

Por sua vez, Falk (2011) afirma que a criança é capaz de aprender e realizar ações competentes de forma autônoma, utilizando seu repertório motor, conforme a faixa etária em que se encontra, desenvolvendo, assim, o conhecimento

de si mesma. No entanto, para que isso aconteça, é necessário que os adultos conheçam como ocorre o desenvolvimento motor dos bebês e que confiem nas capacidades e potencialidades deles.

Diante dessa lógica, potencializar o desejo pela atividade autônoma é considerado fundamental na educação dos bebês na creche. Nesse sentido, David e Appell (2013, p. 24, tradução nossa) argumentam que, “[...] para a atividade do bebê adquirir significado, é preciso que esta nasça da própria iniciativa dele”. Isso equivale a dizer que é preciso haver o desenvolvimento de uma relação afetiva privilegiada entre o professor e os bebês na creche, isto é, a constituição de um *vínculo de apego seguro* (Pikler, 2010), também conhecido como *pilar vincular* (Golse, 2011) entre o professor e o bebê.

Na ausência da mãe, David e Appell (2013, p. 25, tradução nossa) destacam que “[...] é de absoluta necessidade oferecer ao bebê a possibilidade de uma relação afetiva privilegiada e contínua com um adulto permanente”. Por esse motivo, na Abordagem Pikler, a restrição ao número de pessoas que se ocupam de um bebê é considerada importante, pois, assim, pode-se assegurar a continuidade da presença do adulto durante toda a jornada da criança na instituição e uma continuidade nas ações educativas. Para Gabriel (2016, p. 16), “[...] em contexto institucional, no qual o cuidado e a atenção ao bebê são realizados de modo coletivo, é essencial que cada bebê tenha uma educadora privilegiada (ou de referência), que pode ser escolhida pelo próprio bebê”.

Para isso, o adulto também precisa interagir com os bebês por meio da fala, de sorrisos, antecipando tudo o que realizará com eles, estando atento a cada sinal dado pelos bebês, inclusive para permitir aos bebês participarem de forma ativa nos momentos dos cuidados, sem impor nada a eles. Conforme sinalizam David e Appell (2013, p. 26, tradução nossa), “[...] no intervalo entre as atividades de atenção pessoal, deixa-se o bebê livre, tanto para dormir como quando se encontra em uma das situações que favorecem ao máximo sua atividade espontânea”. Isso não significa deixá-lo sozinho. Ao invés disso, há uma relação de olhar e escuta atenta, na qual os bebês percebem a presença do professor e têm as suas demandas atendidas.

A esse respeito, David e Appell (2013, p. 26, tradução nossa) apontam ainda que “[...] o feito de não intervir nas atividades dos bebês os provocando com constantes fontes de interesse é um ato relacional que também é percebido por

eles”. Em vista disso, o professor não deve dar uma resposta maior do que a demanda do bebê, mas conferir suporte para que ele, dentro de suas possibilidades, tenha domínio da situação.

Em tal perspectiva, na Abordagem Pikler, defende-se que o bebê possa desenvolver consciência de si mesmo e de seu entorno. Por essa via, Gabriel (2016, p. 14) sugere que “[...] a rotina deve ser dividida em pelo menos dois momentos: momentos de atividade de atenção pessoal e atividade livre”. Durante os momentos de atenção pessoal, isto é, de cuidados básicos, alimentação, higiene, troca de roupas e sono, é necessário que se estabeleça uma rotina para que o bebê antecipe o que acontecerá com ele e, dessa forma, não fique ansioso. Gabriel (2016) indica que essa rotina é para os horários de alimentação e banho, assim como para a ordem em que cada bebê é alimentado e banhado. Conforme a referida autora, desse modo, o bebê processualmente tomará consciência de si, identificando sensações, percebendo quem o alimenta, bem como a rotina institucional.

Corroborando o argumento, David e Appell (2013, p. 27, tradução nossa) ressaltam que é nos momentos de atenção pessoal que “[...] se fazem os maiores esforços para ajudar o bebê a compreender [...] o que se passa com ele, o que fazem com ele, e o que ele faz”. Assim, o bebê também reconhecerá quem se ocupa dele, o ambiente em que está e qual situação acontecerá no decorrer da jornada na creche. As autoras afirmam que, quando o adulto solicita “[...] a participação do bebê, isso o ajuda a perceber-se, a conhecer-se e a expressar-se, ou seja, a afirmar-se como pessoa” (David; Appell, 2013, p. 28, tradução nossa).

Outro aspecto relevante em relação à tomada de consciência do bebê ocorre a partir do brincar livre. Os momentos de brincar livre ocupam uma parte importante da jornada cotidiana do bebê na creche, possibilitando que sejam realizadas escolhas autônomas dos materiais. Assim, nos momentos de brincar livre, a função do professor é organizar o espaço e os materiais com o intuito de despertar a atenção dos bebês, promover a possibilidade de escolha dos materiais ofertados, bem como as interações sociais entre os pares.

Nessa direção, David e Appell (2013, p. 29, tradução nossa) sugerem que a vida cotidiana dos bebês na creche seja organizada a partir de quatro dimensões relacionais: “1) os grupos: sua organização interna e a de sua unidade de vida; 2) as atividades de atenção pessoal: alimentação, higiene, troca de roupas; 3) brincar livre; 4) outras atividades e relações sociais” implicadas no cotidiano da creche.

Todavia, para que esse modo de organização se efetive, também é preciso atenção à saúde física dos bebês – para que eles possam desfrutar com qualidade de todas as oportunidades de cuidado e educação ofertadas na jornada cotidiana da creche.

Portanto, com base na discussão apresentada, os princípios da Abordagem Pikler podem ser entendidos como indicativos importantes para que seja pensada a docência com bebês na creche. Isso porque, de acordo com David e Appell (2013, p. 29, tradução nossa), “[...] tudo o que na instituição concerne à vida dos bebês se concebe em função deles, e cada princípio se põe em prática na organização das múltiplas situações em que se encontram”. Desse modo, os princípios da abordagem se referem a uma atitude relacional de cuidado, atenção e desenvolvimento de vínculos sociais densos com os bebês na vida cotidiana, mediante a oferta intencional de tempos, espaços e materiais que possibilitem o movimento livre e o desenvolvimento da autonomia dos bebês.

3 OS BEBÊS E A EXPLORAÇÃO DOS ESPAÇOS, MOBILIÁRIOS E MATERIAIS

Maria Flor e a exploração do espaço na sala-referência

Início da manhã no berçário. Na tarde anterior, a professora havia reorganizado a disposição dos mobiliários e materiais na sala-referência. A reorganização do espaço ocorreu em decorrência do desinteresse dos bebês pelos materiais na área circunscrita para o brincar livre. Maria Flor (1 ano e 1 mês), ao entrar na sala, permanece próxima da porta e observa atentamente a área do brincar livre. A menina percebe que o túnel de madeira está disposto de um modo diferente do que estava no dia anterior. Além disso, ela observa a nova disposição dos cestos com materiais não estruturados de madeira, dispostos no tatame da sala, próximos da parede. Após alguns minutos, a menina desloca-se engatinhando até o cesto dos materiais e começa a explorá-los. Maria Flor retira os tocos de madeira do cesto e os dispõe no tatame. Esse processo de escolha dos materiais e distribuição no tatame perdura alguns minutos. Percebo que a professora, a distância, observa o processo de exploração da menina. Após algum tempo, a menina se aproxima do túnel e se desloca ao redor dele, observando a sua nova localização. Então, Maria Flor engatinha para dentro do túnel, em posse de um toco de madeira, empurrando-o como se fosse um carrinho. A menina arrasta o toco de madeira dentro do túnel. De repente, Maria Flor deixa o toco de madeira dentro do túnel e desloca-se para fora. Ela engatinha até o tatame, recolhe outro toco de madeira e retorna novamente ao túnel. A menina deixa outro toco de madeira ao lado da peça anterior. A ação de Maria Flor se repete

várias vezes, até ela depositar todos os tocos de madeira do cesto dentro do túnel (Diário de Campo do Pesquisador).

No desenrolar do episódio, destacamos o papel que a organização intencional do espaço da sala tem na mobilização do movimento livre de Maria Flor e na promoção do desenvolvimento de sua autonomia. Como se pode observar, a menina tem a possibilidade de explorar o espaço da área do brincar, mediante o seu poder de escolha dos materiais e do uso que faz deles no processo de deslocamento e ocupação do mobiliário. Na narrativa compartilhada, a menina exerce uma sincronia de ações sofisticadas – a partir da recolha dos tocos de madeira no cesto, do deslocamento pela sala engatinhando, da constituição de uma coleção de materiais semelhantes no interior do túnel e da saída do mobiliário. Nesse sentido, no episódio compartilhado, ratificamos o dito por Kálló e Balog (2013, p. 14, tradução nossa) de que “[...] os bebês têm uma profunda necessidade de brincar [e que o] seu interesse em observar o entorno é incansável”. Todavia, é preciso que o espaço da sala-referência, bem como os espaços externos da creche por onde circulam os bebês durante a jornada cotidiana, sejam intencionalmente organizados.

Em vista do exposto, destacamos que a área do brincar livre foi reorganizada devido à observação da professora, a qual percebeu o desinteresse dos bebês pelos materiais e mobiliários piklerianos dispostos da mesma maneira desde o início do ano. Desse modo, a reorganização do espaço da sala se tornou um convite à exploração de Maria Flor, assim como dos demais bebês do grupo, conforme foi possível acompanharmos de forma recorrente durante o trabalho de campo.

A ação de reorganização do espaço pela professora com base na observação dos bebês nos remete à recomendação de Tardos (2011, p. 13, tradução nossa) de que, “[...] em primeiro lugar, o adulto precisa estar atento às condições em que se desenvolve o brincar”. Para tanto, a autora ressalta a importância da segurança, da tranquilidade, da garantia de que o bebê possa se mover livremente, do tempo para a brincadeira e ainda de que os materiais e brinquedos sejam enriquecedores na composição do espaço. Isso porque a *autonomia* (Chokler, 2017), no *brincar livre* (Kálló; Balog, 2013), só é possível a partir da confiança e do vínculo privilegiado com as figuras de apego, os quais se constituem durante os momentos de cuidados de qualidade, de interação e comunicação, de intercâmbios lúdicos e de sustentação corporal dos bebês. Nesse sentido, salientamos a *modulação da*

presença da professora (Guimarães, 2019) a partir de uma postura não interventiva em relação às ações de Maria Flor durante a exploração do mobiliário e materiais.

Conforme pode ser acompanhado no episódio, a organização dos espaços através da disposição intencional dos mobiliários, da circunscrição de áreas e da oferta de materiais é fundamental no exercício da docência com bebês. David (2006, p. 44, tradução nossa) recomenda que, na organização dos espaços na creche, sejam considerados *o espaço-tempo, o espaço-lugar e o conteúdo do espaço*, no intuito de que os bebês tenham a possibilidade de se movimentar, deslocar e explorar, mediante a escolha autônoma dos materiais e uso dos mobiliários. Desse modo, a ação do adulto é descentralizada e o bebê tem a possibilidade de ter iniciativas. Todavia, para que o bebê desfrute do *espaço-tempo*, David (2006) aponta que ele precisa estar em um estado de *vigília interessada*, ou seja, com todas as suas necessidades básicas de cuidados de atenção pessoal – alimentação, troca de fraldas, banho e descanso – plenamente atendidas.

Já o indicativo *espaço-lugar* refere-se ao contexto – sala-referência, solário, pátio etc. – em que os bebês são atendidos na instituição. Em tal perspectiva, David (2006) afirma que a demanda é a constituição de um *espaço-lugar* – que garanta estabilidade, permanência e confiança – onde o bebê possa se movimentar de modo seguro conforme o seu desejo, sem a interferência direta do professor.

No âmbito dessa discussão, David (2006) defende que também seja pensado *o conteúdo do espaço* onde serão atendidos os bebês. O conteúdo do espaço diz respeito aos materiais – com suas cores, formas, texturas, usos e sons –, os quais devem despertar o interesse dos bebês. A oferta de materiais deve ser intencionalmente pensada pelos professores e constituída por objetos simples, em grande quantidade, brinquedos do mesmo tipo, acessíveis e guardados em um local de fácil alcance. Os materiais devem possibilitar diferentes modos de manipulação pelos bebês. Por sua vez, à medida que os bebês crescem, há o desenvolvimento da segurança postural, e eles passam a pegar os objetos com mais destreza. Então, os bebês começam a experimentar o brincar com vários objetos e seu repertório se amplia, bem como o sentimento de conquista e satisfação decorrente da possibilidade de escolha.

Corroborando o exposto, Feder (2011, p. 68, tradução nossa) afirma que “[...] descobrir o mundo a partir da sua própria curiosidade, de sua própria vontade de compreender e experimentar, constitui o centro da vida cotidiana de um

bebê”. Isso significa que a oferta de um *espaço com conteúdo* na creche incide na promoção do movimento livre e no desenvolvimento da autonomia dos bebês.

Em vista das tipologias de espaço apresentadas, a seguir compartilhamos um episódio no qual Mavi (4 meses), na companhia de sua professora, visita pela primeira vez o solário da creche:

Mavi⁵ e o uso do espaço do solário

Mavi (4 meses) é levado pela professora no colo até o solário. Ao chegar no solário, a professora deita o bebê em decúbito dorsal no tatame estável do solário. A docente dispõe alguns objetos ao alcance do bebê, mas observo que ele não tem interesse por nenhum material ofertado. Ao lado de Mavi, há alguns objetos, inclusive o pano pikleriano. Percebo que o menino mexe as mãos e os pés, traz as mãos até a boca, coloca as mãos dentro da boca, retira-as, estende os braços e flexiona-os. O bebê permanece explorando o seu corpo por muito tempo. Através da escuta atenta aos sons do ambiente, Mavi explora o espaço do solário. No entorno, algumas crianças da sua turma engatinham e outras caminham. O bebê observa atentamente os movimentos e sons emitidos pelas crianças da turma (Diário de Campo do Pesquisador).

Como se pode notar, Mavi tem a possibilidade de ocupar o solário – área externa da sala-referência – na companhia de sua professora e dos demais bebês do grupo. O solário se constitui em um *espaço-lugar* (David, 2006) onde o bebê pode explorar o seu corpo, assim como os sons que constituem o ambiente naquele momento. A ação da professora não é trivial, pois, mesmo se tratando de um bebê de pouca idade, há uma evidente preocupação da profissional de que ele possa ocupar o espaço externo da sala, a partir do contato com os adultos e demais crianças do grupo.

Outro aspecto que consideramos relevante no episódio é o fato de a professora posicionar Mavi em decúbito dorsal no tatame do solário. Posicionado em decúbito dorsal, o bebê, no decorrer do seu desenvolvimento motor, tem a possibilidade de levantar suas pernas e de trazê-las próximas do peito, mobilizando a contração da musculatura abdominal. Ademais, deitado em decúbito dorsal e colocando-se objetos de interesse no campo de visão do bebê, ele pode virar o seu pescoço para um lado e para o outro na busca do objeto, fortalecendo, desse modo, a musculatura dessa parte do corpo. Também em decúbito dorsal, o bebê

⁵ Os nomes dos bebês participantes da pesquisa são fictícios.

movimenta a articulação do quadril quando apoia os pés no chão, tentando levantar o quadril, e quando tenta ficar na posição lateral, girando a cintura pélvica. Enfim, quando colocamos o bebê em decúbito dorsal até que ele, por sua própria iniciativa, no seu ritmo de desenvolvimento, consiga se virar e atingir a posição de decúbito ventral, estamos respeitando o seu desenvolvimento.

Prosseguindo a discussão, ressaltamos que a organização do espaço da sala-referência em áreas – de alimentação, de descanso, de troca de fraldas e de brincadeira livre – possibilita que a professora permaneça no raio de visão dos bebês, sendo vista e ouvida por eles. Tal organização do espaço, pensada e planejada intencionalmente pela professora, também deve ser reorganizada por ela, a partir da observação das explorações dos materiais e interações sociais dos bebês na sala. Todavia, os bebês precisam ter a liberdade de se deslocar por todas as áreas da sala, bem como de explorar o espaço externo. A seguir, compartilhamos um episódio em que Bella (1 ano e 1 mês) acessa a janela da sala para observar o que estava ocorrendo no pátio da creche:

Bella observa a aula de capoeira pela janela

Bella (1 ano e 1 mês) estava na sala-referência, atenta aos sons que vêm do pátio. Ouço o som do pandeiro, de palmas e de uma música que está sendo cantada por um grupo de crianças. A sala tem uma janela lateral baixa pela qual é possível observar o pátio. Percebo que Bella pega o banco de alimentação e o leva até a janela. A professora acompanha o deslocamento de Bella, mas não intervém. No entanto, através da troca de olhares, evidencia a sua disponibilidade em auxiliar caso Bella precise. Chegando próximo da janela, Bella tenta subir no banco. Após algumas tentativas não exitosas, a menina sobe no banco, fica em pé e começa a observar as crianças da pré-escola (4 anos) que estão na aula de capoeira. Percebo a satisfação da menina ao observar outras crianças, bem como a movimentação do seu corpo acompanhando o ritmo do pandeiro que está sendo tocado pelo professor (Diário de Campo do Pesquisador).

Como se observa no fluxo do evento apresentado no episódio, Bella, ao ouvir o som do pandeiro e da movimentação das crianças, decide observar pela janela da sala o que está acontecendo no pátio. A ação da menina de subir no banco de alimentação para observar as crianças na aula de capoeira é acompanhada e sustentada pela atitude não interventiva da professora. Nesse sentido, percebe-se uma relação de cumplicidade entre Bella e a professora, a qual possibilita que ela se desafie, subindo no banco para observar o pátio pela janela.

A esse respeito, Guimarães (2019, p. 252) ressalta que “[...] é importante compreender a autonomia dos bebês e das crianças pequenas como construção a partir de relações de cumplicidade e apoio à expressividade delas”. Em tal perspectiva, é possível depreendermos que a “[...] atitude atenta e não preditiva” (Guimarães, 2019, p. 253) da professora oportuniza que Bella se movimente, desloque-se, ocupe os espaços da sala e desenvolva autonomia. Por essa via, consideramos que o espaço é um elemento fundamental na jornada cotidiana dos bebês na creche. Prosseguindo a discussão, na próxima seção, o foco analítico serão as interações sociais dos bebês com os seus pares.

4 OS BEBÊS E AS INTERAÇÕES SOCIAIS COM OS SEUS PARES

Um diálogo entre os bebês na sala-referência

Após o lanche da tarde, a professora coloca Mavi (4 meses) deitado em decúbito dorsal no tatame próximo da área do brincar da sala-referência. Théo (6 meses), que, por sua vez, já se locomove, rasteja e se aproxima de Mavi. Então, os dois bebês passam a dividir a mesma área na sala-referência. Mavi, quando percebe a presença de Théo, começa a procurá-lo com o olhar, demonstrando o seu interesse em interagir com Théo. Observo que um bebê presta atenção no outro, o que evidencia a reciprocidade entre eles. De fato, o olhar atento de Mavi busca a presença e a interação com Théo. Da mesma forma, Théo procura o olhar e a companhia do seu coetâneo. Alguns instantes após observar Mavi deitado no chão, Theo se aproxima dele e encosta as mãos em suas pernas. A professora olha para o bebê que está deitado no chão e diz: “Mavi, o Théo veio te ver!”. O menino se aproxima ainda mais de Théo e deita a cabeça em seu peito (Diário de Campo do Pesquisador).

Laura, Caetano e os cones: interações a partir dos materiais

A professora dispõe em cestos os materiais de plástico e de inox e os brinquedos de madeira. Observo que há uma variedade de materiais, bem como quantidade suficiente para que os bebês possam fazer escolhas. Além disso, a professora dispõe alguns cones de plástico (amarelos e vermelhos) em cima de um dos cubos de madeira que compõem o mobiliário da sala. Os cones despertam a atenção de Laura (1 ano e 2 meses), que se aproxima e decide explorá-los. A menina retira alguns cones de cima do cubo e os coloca no chão. Caetano (1 ano e 3 meses) se aproxima do cubo, observa Laura e começa a repetir a ação da menina. Em instantes, os dois bebês colocam todos os cones no chão. Ao término da ação, Caetano recoloca um cone em cima do cubo. Tal atitude se torna um convite para Laura repetir a mesma

ação. Observo que os bebês permanecem um tempo prolongado repetindo a ação de colocar e retirar os cones de cima do cubo (Diário de Campo do Pesquisador).

Os episódios compartilhados apresentam indícios empíricos de processos de interação social dos bebês com os seus pares no âmbito das ações da vida cotidiana na creche. No decorrer do trabalho de campo, foram recorrentes as situações de interação social entre os bebês. Os olhares, toques, aproximações, disputas e vocalizações se tornaram cada vez mais presentes com o passar dos meses de observação na sala dos bebês participantes da pesquisa. Entendemos que os espaços internos e externos da creche, os tempos estendidos e sem pressa, os materiais e mobiliários disponíveis na sala-referência, bem como a liberdade de escolha e de movimentação dos bebês, possibilitavam que eles desenvolvessem fecundas interações com os seus pares. De fato, na creche na qual foi desenvolvida a pesquisa, tendo em vista a inspiração na Abordagem Pikler, havia a defesa de que a “[...] autonomia se constitui nas sutilezas do cotidiano e nas singelas oportunidades que os bebês e crianças pequenas possuem de escolher, colocando-se na relação com o outro” (Guimarães, 2019, p. 250) no contexto da Educação Infantil como espaço de vida coletiva.

Em consonância com o exposto, destacamos que, em ambos os episódios compartilhados, os bebês são vistos e afirmados como seres sociais. Amorim *et al.* (2020, p. 29) sustentam que “[...] entender o bebê como um ser social significa considerar que ele estabelece vínculos e interações desde a mais tenra idade, seja com seus familiares ou seja em espaços de cuidado e educação coletivos [...]”.

Os bebês Théo e Mavi, a partir da disposição do espaço da sala, têm a possibilidade de encontro e interação, sustentados pelo olhar atento e acolhedor da professora. Os bebês desenvolvem um diálogo marcado por gestualidades. De acordo com Amorim *et al.* (2020, p. 29), “[...] já no primeiro ano de vida, as interações dos bebês envolvem vocalizações, olhares, expressões emocionais, gestos e movimentos corporais, ou seja, todo um conjunto de ações comunicativas, intencionais e significativas”, as quais observamos de modo recorrente durante todo o trabalho de campo.

Assim, “[...] como a criança, nas etapas iniciais do desenvolvimento, ainda não se comunica por meio da linguagem verbal, será através da comunicação não verbal [...] que pistas aparecerão para ajudar a desvendar suas necessidades

e ter suas demandas atendidas” (Aguiar *et al.*, 2017, p. 122). Isto é, o bebê se comunica por meio da linguagem corporal, das vocalizações e gestualidades que se manifestam em suas ações interativas com os adultos e as crianças com os quais convive.

Já a experiência interativa que configura o encontro entre Laura e Caetano no segundo episódio é mediado pela partilha de materiais, que possibilita a eles o desenvolvimento de uma ação compartilhada. Outro aspecto que também merece destaque no episódio é a variedade e quantidade dos materiais na sala-referência, fator que permite que sejam acauteladas as disputas entre os bebês e que ambos, de modo autônomo, possam escolher com o que brincar. Assim, ressaltamos que o espaço é condição indispensável para o desenvolvimento global dos bebês e sobretudo da promoção de suas interações. Por sua vez, “[...] é função dos professores organizar espaços em que os bebês possam ser interpelados, desafiados e acolhidos tendo em vista a ampliação de suas experiências” (Carvalho; Radomski, 2017, p.54) no cotidiano da creche.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do artigo, apresentamos os princípios da Abordagem Pikler, assim como discutimos os conceitos de movimento livre e autonomia dos bebês, mediante a análise de episódios emergentes do trabalho de campo em uma creche cujo projeto educativo é inspirado nos princípios da Abordagem Pikler. Em tal direção, foram focos analíticos: 1) a importância do espaço como constitutivo de um ambiente seguro, acolhedor e promotor da autonomia dos bebês a partir do movimento livre; 2) a relevância da promoção de tempos e espaços para que os bebês possam desenvolver relações sociais. Nesse contexto, afirmamos o papel docente na creche, tendo em vista o argumento de Feder (2011, p. 335, tradução nossa) de que “[...] a motivação e o desejo do bebê são decorrentes de um satisfatório estado afetivo” garantido por meio de um contexto de cuidado e educação que seja acolhedor de suas demandas.

Em vista disso, durante o decorrer da pesquisa etnográfica na creche, percebemos que a possibilidade de movimento livre dos bebês no cotidiano institucional incidiu no desenvolvimento gradual da autonomia de todo o grupo. Nessa direção, argumentamos que é através do movimento livre, sustentado pela presença acolhedora e observação atenta dos adultos, que os bebês se relacionam com os

seus pares, com os tempos, com os espaços – externos e internos da creche – e materiais que constituem a ambiência educativa.

Conforme observamos na pesquisa, o fato de os bebês terem a possibilidade de interagir com os seus pares permite que eles desejem se mover e que gradualmente passem a tomar consciência de si mediante o desenvolvimento de ações autônomas. Isso implica dizer que é no contato diário dos bebês com os seus pares que são desenvolvidos relacionamentos que “[...] possibilitam a criação de novos significados e tornam os bebês mais conscientes do outro e, conseqüentemente de si mesmos” (Amorim *et al.*, 2020, p. 30-32). Os dados da pesquisa também indicam a importância do *brincar livre* (Tardos, 2011) dos bebês como vetor da constituição de repertórios culturais e de relações sociais que incidem no desenvolvimento deles.

Destacamos, assim, que o desafio que se coloca é a democratização do conhecimento a respeito dos princípios da Abordagem Pikler para os docentes que atuam em creches da rede pública de ensino, buscando que tais indicativos possam ser traduzidos em ações educativas respeitadas e acolhedoras das demandas dos bebês em diferentes contextos sociais. Nessa direção, a contribuição da pesquisa é o argumento de que podem ser pensadas ações educativas na creche que considerem o desenvolvimento da autonomia dos bebês por meio do movimento livre. Para tanto, é necessário que a ação pedagógica na creche privilegie as iniciativas dos bebês em seus movimentos, deslocamentos e ações espontâneas, sem a interferência direta do adulto. Conforme Guimarães (2019, p. 248), isso significa que os professores que atuam na creche precisam se tornar sempre “[...] disponíveis para a relação, acompanhando o que os bebês iniciam” a partir de suas escolhas. Isso implica entender, com base em Pikler (2010), que a autonomia dos bebês se configura na possibilidade de que eles executem ações – dentro de suas capacidades – por sua própria iniciativa.

Nessa perspectiva, compreendemos, como Pikler (2010), que o movimento livre de fato incide no desenvolvimento da autonomia dos bebês, propiciando a interação entre eles e deles com os adultos, com os materiais e com o entorno que constitui a ambiência da creche. Por meio de nossa investigação, ratificamos o dito por Carvalho e Radomski (2017, p.55) de que “[...] o aprender pela vida cotidiana é central na ação pedagógica na creche”. Portanto, “[...] consideramos as vivências significativas que os bebês [...] constroem na Educação Infantil como

uma possibilidade de ampliação das experiências, tanto dos bebês quanto dos adultos que deles cuidam e educam” (Amorim *et al.*, 2020, p. 30).

Desse ponto de vista, ressaltamos a importância de que continuem sendo desenvolvidas pesquisas que visibilizem as contribuições da Abordagem Pikler para o exercício da docência na creche, tendo em vista a qualificação das práticas pedagógicas no atendimento aos bebês e a defesa dos seus direitos. Assim, entendemos que o desafio que se coloca é que a docência na creche possa ser pensada a partir de uma dimensão ética, na qual o olhar, a escuta e a relação com os bebês se tornem mobilizadores das ações cotidianas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Aline de Melo *et al.* Entendendo a comunicação verbal e não verbal de bebês até 24 meses. *In*: PICCININI, Cesar; VASCONCELLOS, Vera; SEABRA, Karla; PACHECO, José Ernani de Carvalho (Ed.). *Bebês na creche: contribuições da Psicologia do Desenvolvimento*. Curitiba: Juruá, 2017. p. 121-132.

AMORIM, Kátia de Souza; BARRETO, Angela Maria Rabelo; GOMES, Maria de Fátima Cardoso; MACÁRIO, Alice de Paiva; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; OLIVEIRA, Zilma Maria Ramos; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Continuando o debate sobre cuidado e educação de crianças nos primeiros anos de vida. *Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v. 23, n. 1, p. 213-35, 2020.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 235-245, jan./jun. 2014.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; RADOMSKI, Lidianne Laizi. Imagens da docência com bebês: problematizando narrativas de professoras de creche. *Série-Estudos*, Campo Grande, v. 22, n. 44, p. 41-59, abr. 2017

CHOKLER, Myrtha Hebe. *La aventura dialógica de la infancia*. Buenos Aires: Cinco, 2017.

DAVID, Myriam; APPELL, Geneviève. *Lóczy, una insólita atención personal*. Barcelona: Octaedro, 2013.

DAVID, Myriam. Para un mejor conocimiento del bebé: contribuciones del Instituto Emmi Pikler. In: SZANTO-FEDER, Agnès (Ed.). *Lóczy: ¿un nuevo paradigma?: el instituto Pikler es un espejo de múltiples facetas*. Mendoza: Ediunc, 2006. p. 43-62.

FALK, Judith (Org.). *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011.

FEDER, Agnès Szanto. *Una mirada adulta sobre el niño en acción: el sentido del movimiento en la protoinfancia*. Buenos Aires: Cinco, 2011.

GABRIEL, Marília Reginato. *Contribuições de um programa de acompanhamento baseado na abordagem pikleriana para a promoção da qualidade das interações educadora-bebê*. 2016. 170f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GOLSE, Bernard. Prólogo. In: FEDER, Agnès Szanto (Ed.). *Una mirada adulta sobre el niño en acción: el sentido del movimiento en la protoinfancia*. Buenos Aires: Cinco, 2011. p. 13-17.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GUIMARÃES, Daniela Oliveira. Docência na creche: a modulação da presença dos adultos na construção da autonomia dos bebês e das crianças pequenas. *Unisul*, Tubarão, v. 13, n. 24, p. 340-255, jul./dez. 2019.

KÁLLÓ, Éva; BALOG, Györgyi. *Los Orígenes del juego libre*. Budapest: Magyarországi Pikler-Lóczy Társaság, 2013.

KELLETER, Rafael Ferreira. *O desenvolvimento da autonomia dos bebês a partir do movimento livre: diálogos com a Abordagem Pikler*. 2020. 372f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2020.

NUNES, Deise Gonçalves. *Serviço social e Educação Infantil: do mal necessário ao direito*. São Paulo: Cortez Editora, 2023.

PIKLER, Emmi. *Moverse en libertad, desarrollo de la motricidad global*. Madrid: Narcea, 2010.

SIMÕES, Patrícia Maria Uchôa. Seres competentes e sujeitos de direitos: trajetórias dos bebês nas pesquisas acadêmicas e nas creches. *Desidades*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 101-118, maio/ago. 2022.

TARDOS, Anna. *El adulto y el juego del niño*. Barcelona: Octaedro, 2011.

Sobre os autores:

Rafael Ferreira Kelleter: Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Professor de Educação Infantil na rede municipal de Porto Alegre, RS. **E-mail:** rafaelferkelleter@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1811-8192>

Rodrigo Saballa de Carvalho: Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Educação pela UFRGS. Especialização em Gestão da Educação pela UFRGS. Licenciatura em Pedagogia pela UFRGS. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS na linha de pesquisa: Estudos das Infâncias. Professor da área de Educação Infantil do curso de Pedagogia da UFRGS e no Departamento de Estudos Especializados (DEE). **E-mail:** rsaballa@terra.com.br **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-8899-0998>

Recebido em: 14/10/2024

Aprovado em: 24/02/2025

